

Encontro Semba Samba
“A estrela que nos guiou”
Ricardo Vilas

Companheiros de mesa, autoridades, professores, pesquisadores, artistas, jornalistas, público presente, todas e todos, estou extremamente feliz por chegar neste momento onde nosso projeto se inicia de forma tão bonita , e determinada.

Eu deveria começar por abrir uma extensa lista de agradecimentos, e citar pessoas e instituições que tornaram possível este nosso Encontro. Mas vou falar apenas de duas pessoas, que acreditaram e se investiram nesse projeto, nessa viagem, tornando-a possível.

Primeiramente, falo de Ana Celia Castro. Ela acreditou, desde o início, na pertinência e na viabilidade do Encontro Semba Samba, e foi por ela, com seu entusiasmo e criatividade, que descobrimos o caminho das pedras que nos levou a encontrar os primeiros recursos financeiros necessários.

Em segundo, mas talvez o mais importante, é o meu amigo de sempre e meu professor orientador de tese, diretor do CBAE, José Sérgio Leite Lopes, que em nenhum momento duvidou, desanimou, desistiu, mesmo quando nossas primeiras investidas solicitando recursos foram infrutíferas. Pelo contrario, ele dedicou um tempo precioso, e raro na sua intensa atividade acadêmica, que tornou possível esta realização.

Não posso porém omitir agradecimentos infinitos a nossos palestrantes e mediadores, que aceitaram fazer parte dessa viagem, alguns vindos de longe, do outro lado do oceano, como é o caso de Dionisio Rocha, Jomo Fortunato, Filipe Zau e Sebastião Lino.

Acredito mesmo que uma estrela iluminou, e mais que isso, guiou este caminho para chegarmos até onde chegamos hoje, trazendo luz ao nosso Encontro.

Esta estrela deve ser aquela que inspira e une Brasil e Angola, e não é de hoje, há séculos que ela está lá, olhando para nós. Brasil e Angola, duas margens de um Rio chamado Atlântico, estão face a face, e seus destinos respectivos se encontram de forma definitiva, ainda que nem sempre consciente, nas duas margens do Atlântico.

Porque falo de consciência ?

Ao fazer minha pesquisa de campo em Luanda sobre a circulação de música popular entre Brasil e Angola, ficou evidente que Angola olha pro Brasil, mas que o Brasil nem sempre olha para Angola. Os luandenses assim se expressavam, em tom senão de queixa, mas com uma certa mágoa, nas numerosas entrevistas que tivemos naquele momento.

Não há como abstrair, nas relações entre Brasil e Angola, o estigma do passado, do tráfico negreiro que trouxe ao Brasil, entre 1550 e 1860, aproximadamente quatro milhões de indivíduos escravos africanos¹. Este fato não só não se apaga, como transformou o Brasil no país com o segundo maior contingente de população negra do mundo, perdendo apenas para a Nigéria.

Vale ressaltar que a potencia colonial em comum, entre as duas margens do Atlântico, suscitou uma circulação constante, não apenas de homens e mulheres escravos - a mais importante, mas também de outras mercadorias e bens, como cultura.

O Brasil se liberta de Portugal, com a quase cumplicidade do rei cedendo uma parte do reinado a seu filho.

Angola continua, por mais século e meio, sendo submetida a um colonialismo tanto tardio quanto anacrônico, só alcançando sua liberdade após travar uma guerra anticolonial, que deixou muitas vítimas pelo caminho.

Angola colônia e Brasil emancipado, a imagem do *irmão mais velho* se consolida, e faz parte do imaginário angolano em torno das relações recíprocas entre ambos, trazendo em si as duas faces de uma mesma medalha.

Por um lado, valores positivos; a admiração pela liberdade alcançada, e pela construção de uma grande nação, onde os negros saídos de Angola são cidadãos nacionais, e não apenas indígenas colonizados; também a afetividade pela cultura do país, que é compreendida como aquela que os angolanos escravos levaram para o Brasil, e que hoje se impõe como cultura nacional, a começar pela música: o samba.

Por outro, valores negativos; *irmão mais velho* supõe uma dupla tutela, ou uma relação de dominação hierárquica, como citamos, do pai, a potência colonial, e do irmão, o ex-colonizado que se libertou primeiro, e que herda ou representa parte da autoridade paterna, ele o bom exemplo que se desenvolveu econômica e socialmente.

Observamos que, ainda após a independência de Angola, esta ideia se mantém, certamente reflexo e reminiscências da situação colonial, onde prevaleceria uma relação hierárquica entre Angola e Brasil, o primeiro assumindo uma posição inferior em relação ao segundo.

O escritor Pepetela, personalidade angolana de origem europeia e de destaque na política do país, em entrevista recente, insiste na ideia do *irmão mais velho*, e explica que “os angolanos, em seu imaginário, têm o Brasil como uma das referências principais”².

É certo que o Brasil se desenvolve primeiro, que a economia brasileira é muito maior que a angolana, que seu território é muitas vezes mais extenso, que sua população é praticamente dez vezes maior, o fato é que o Brasil, em

¹ Alencastro, 2000: 69

² www.buala.org/pt/cara-a-cara/entrevista-a-pepetela, consulta em 5/7/2013

relação a Angola, não é só maior: ele se vê superior. Seria esta uma das razões pelas quais o Brasil não olha pra Angola, como muitos angolanos expressaram ?

Ou melhor, o Brasil olha para Angola sobretudo quando seu interesse é motivado pelas boas oportunidades de negócios, e elas existem, vide quantas empresas brasileiras se instalam e/ou investem em Angola, como as construtoras Odebrecht e Camargo Correa, a mineradora Vale, a petroleira Petrobras...

Hoje é certo também que Angola, depois de um governo colonial que pouco fez para o desenvolvimento do país, enfrentou uma guerra civil de quarenta anos, e que apenas a partir de 2002 pôde voltar os olhos para seu próprio desenvolvimento econômico e social.

Com o fim da guerra civil, em 2002, a China partiu na frente, embora o Brasil tenha investido em Angola desde a primeira hora; atualmente a China é o primeiro parceiro econômico de Angola, que de todo modo diversifica suas parcerias, com os países ocidentais, inclusive os Estados Unidos, e isto tem evidentemente reflexos em suas relações com o Brasil.

Do lado governamental, brasileiros e angolanos entretêm relações bem próximas, e na política externa de ambos, as relações mútuas são declaradamente prioritárias.

No entanto, Angola para o brasileiro comum é aquela do tempo da escravidão, a Angola dos ancestrais, tribal, das raízes africanas do Brasil, do candomblé angola ou da capoeira de angola, ainda que não haja nem candomblé, como nem havia capoeira, como a conhecemos no Brasil, em Angola. Não é a Angola do século XXI; dela, o brasileiro comum pouco ouviu falar.

Não vou me alongar a propósito do olhar angolano sobre o Brasil. Nossos convidados angolanos certamente têm muito mais a falar do que eu, e com muito mais propriedade e conhecimento.

Voltando a nossa estrela, durante séculos ela assistiu e guiou a travessia de nossos irmãos de Angola para o Brasil, nas condições dramáticas e violentas da escravidão. Muitos, ao chegar na nova terra, aqui permaneceram o tempo de uma escala. Mas a grande parte que ficou, desde a travessia, e fez dessas terras o que ela é hoje, o país dos brasileiros, um país negro na carne e no espírito, como diz nosso professor Alberto da Costa e Silva.

No nosso país negro, as elites quiseram, se pretenderam brancas, e tudo fizeram para ocultar a Africanidade brasileira, a humanidade daqueles que foram escravos, e sua contribuição na construção desta nação.

Primeiramente, na situação de trabalho escravo. Em seguida, reservando aos afro-descendentes “libertos” as posições subalternas na sociedade brasileira, onde o acesso à educação, à saúde, à uma moradia digna lhes foi, se não negado, extremamente dificultado.

Como sabemos, através de uma política de estado, as elites brasileiras buscaram, no final do século 19, o *branqueamento* da população através de novas migrações europeias, como resposta ao atraso e ao sub-desenvolvimento do país, adotando as teses racistas evolucionista europeias do final da época. Aos imigrantes europeus de então, terras, financiamentos, moradias. Aos ex-escravos, o abandono, o desemprego, e as encostas dos morros ou as periferias dos centros urbanos. A ignorância do Brasil em relação a Angola, e por detrás de Angola a África, não é apenas por acaso. Esta ignorância tem razões e significados: no Brasil, claramente, o conjunto da população não assume sua africanidade. E mais que isso, ela não se interessa pelo continente negro, sua história, suas culturas, sem realizar que ele Brasil também faz parte dessa história. O ocultamento da África é voluntário, e suas raízes vêm do estigma do escravagismo, e do não reconhecimento da dívida que a nação brasileira tem com aqueles que a construíram com a força de seu trabalho, nas condições que conhecemos.

Hoje, muitos progressos aconteceram na sociedade brasileira em relação a sua população afrodescendente, e também no desvendamento de cortinas que escondiam o continente africano, em prol de um conhecimento necessário sobre este continente que tanto deu à nação brasileira.

Nosso Encontro atual parte da música, ela mesmo, a música, tão presente, tão importante de um lado e de outro do oceano, mas o Encontro transcende a música, ele tem como ambição um conhecimento mútuo mais aprofundado, mais íntimo, que não seja guiado, ou limitado, por preconceitos, estereótipos ou lugares comuns.

Brasil e Angola, uma história compartilhada de mais de cinco séculos. Conhecer o passado para compreender e projetar o futuro, é com estes olhos que nosso Encontro pretende atravessar estes três dias de trocas de experiências e informações. A música sim, como porta de entrada, ou como chave para a compreensão de fenômenos sociais, como retrato, expressão, ou reflexo de uma sociedade, de um contexto; mas ela mesmo como contexto, como elemento de construção da narrativa e do edifício social. A isso tudo, junta-se o prazer da escuta, do cantar, do tocar, e do ver-sejar.

A estrela a tudo isso assistiu, vem assistindo. Do encontro brasileiro surgiu uma música pulsante e criativa, antropofágica, híbrida, e ainda assim original. O samba seria talvez seu gênero mais emblemático. Mas onde fica o samba neste quebra cabeça, seria ele a raiz do samba, ou vice versa ? Ou talvez não seja nada disso. Assista aos próximos capítulos, amanhã e depois de amanhã, no Palácio do Itamaraty, a partir de 9 horas da manhã. Muito obrigado.